

CIFRAS & LETRAS

cifras@grupofolha.com.br

CRÍTICA

Livro ensina macroeconomia com tiradas bem-humoradas

Colunista do “Financial Times” trata de temas como inflação e crises

ÉRICA FRAGA
DE SÃO PAULO

Uma conversa bem-humorada e instrutiva sobre economia. É com esse formato que Tim Harford, colunista do jornal britânico “Financial Times”, aborda o leitor de seu novo livro —“O Economista Clandestino Ataca Novamente”—, que é tratado como uma espécie de interlocutor imaginário.

O texto começa um pouco pesado ao tentar explicar como o Nobel de Economia William Phillips contribuiu de forma decisiva para a compreensão da economia moderna ao inventar o Moniac, uma espécie de computador hidráulico que conseguia agregar vários modelos até então só reproduzíveis em quadros-negros ou papel, no fim da década de 1940.

Tropeços de edição, com frases mal construídas, contribuem para a falta de fluidez no início da obra. É o caso de sentenças como: “Ela não é tão severa quanto a Grande Depressão, nem (ainda) tão duradoura, mas não é comparar os dois acontecimentos”.

Mas, de repente, o livro engata, fica leve e interessante, principalmente para o leigo que quer aprender mais sobre economia.

Em suas obras anteriores (“O Economista Clandestino” e “A Lógica da Vida”), o jornalista inglês, com uma pegada semelhante, abordou questões econômicas que afetam o dia a dia das pessoas e das empresas, a chamada microeconomia.

No novo livro, Harford trata da economia por uma ótica “macro”, que tenta mostrar como funciona o todo, e não apenas suas partes.

De forma didática, o jornalista explica questões como o que gera aumento de preços e por que algum nível de inflação é importante para o funcionamento saudável da economia.

Com exemplos e casos interessantes, vai transformando os conceitos de livro-texto de macroeconomia em linguagem acessível para qualquer leitor.



O então ministro Rubens Ricuperero e o presidente Itamar Franco mostram notas de real

Sérgio Lima - 30.abr.1994/Folhapress

Ao falar sobre a importância de que os bancos centrais sejam convincentes em relação às suas metas de inflação, ele cita o exemplo do “pai de coração mole” que avisa ao filho que ele ficará sem jantar se continuar se comportando mal na rua, mas nunca cumpre a ameaça, o que leva a criança a reincidir na travessura.

É uma forma simples e divertida de explicar o conceito e o funcionamento das expectativas de inflação e o custo de não administrá-las bem.

BRASIL

Ainda sobre o mesmo assunto, Harford usa o caso do Brasil para mencionar um exemplo bem-sucedido de plano (o Real) para controlar uma hiperinflação.

Embora, como nos outros casos, consiga explicar a complexidade do Real de for-

mas recessões são provocadas por falta de demanda por parte dos consumidores e como outras são geradas por choques externos que afetam a capacidade das empresas de ofertar bens e serviços.

Fala ainda de mudanças estruturais —como avanços tecnológicos que alteram o perfil do trabalhador demandado pelo mercado— que podem afetar o funcionamento da economia.

Embora não trate de Brasil quando aborda o ritmo da atividade econômica, o livro pode ajudar na compreensão dos problemas que provocaram a recessão atual do país.

mas recessões são provocadas por falta de demanda por parte dos consumidores e como outras são geradas por choques externos que afetam a capacidade das empresas de ofertar bens e serviços.

Fala ainda de mudanças estruturais —como avanços tecnológicos que alteram o perfil do trabalhador demandado pelo mercado— que podem afetar o funcionamento da economia.

Embora não trate de Brasil quando aborda o ritmo da atividade econômica, o livro pode ajudar na compreensão dos problemas que provocaram a recessão atual do país.

O ECONOMISTA CLANDESTINO ATACA NOVAMENTE

AUTOR Tim Harford
EDITORIA Record
QUANTO R\$ 52,90 (308 págs.)
AVALIAÇÃO bom ★★★

LANÇAMENTOS NACIONAIS



FISCAL
Em Busca do Tempo Perdido
AUTOR Fernando Rezende (org.)
EDITORIA FGV
QUANTO R\$ 30 (148 págs.)

Discute saídas para os problemas estruturais do Orçamento brasileiro. Trata da sua formulação, na Constituição de 1988, e de tentativas de ajustá-lo desde então, destacando medidas de 2015 e de 2016.



MARKETING
Experiencialize!
AUTOR Manoel Carlos Junior
EDITORIA autopublicação
QUANTO R\$ 39 (e-book na Amazon; 244 págs.)

Apresenta metodologia em sete passos para transformar o relacionamento de clientes e marcas a partir da criação de experiências, baseadas no estímulo de emoções e sensações.



BIOGRAFIA
Empreendedor é Viver
AUTOR Ricardo Viveiros
EDITORIA Gente
QUANTO R\$ 44,90 (192 págs.)

Traz a trajetória de Alencar Burti, empresário, presidente da Associação Comercial de São Paulo e ex-presidente do Sebrae. Tem prefácio de José Pastore e depoimentos de Antonio Delfim Netto e Eros Grau.



ATENDIMENTO
Feitas Para o Cliente
AUTORES Roberto Meir e Daniel Domeneghetti
EDITORIA Alta Books
QUANTO R\$ 59,90 (304 págs.)

A partir de 53 entrevistas com presidentes de grandes empresas brasileiras, o livro aponta estratégias para que companhias priorizem a satisfação de seus clientes.

LANÇAMENTOS INTERNACIONAIS



INOVAÇÃO
The Innovation Illusion
AUTORES Fredrik Erixon e Björn Weigel
EDITORIA Yale University Press
QUANTO R\$ 86,90 (e-book na Amazon; 312 págs.)

Economista e empreendedor afirmam que o ritmo de inovação vem se desacelerando, devido a ações de companhias e regulações de governos.



IMIGRAÇÃO
We Wanted Workers
AUTOR George J. Borjas
EDITORIA W. W. Norton & Company
QUANTO R\$ 83,35 (240 págs.)

Economista de origem cubana e professor de Harvard (EUA) trata do impacto da imigração na economia. Aponta que o fenômeno traz ganhadores e perdedores.

» por FILIPE OLIVEIRA

OS MAIS VENDIDOS

TEORIA E ANÁLISE

- 1º (2º) Como Matar a Borboleta Azul** - Monica Baumgarten de Bolle (Intrinseca) - R\$ 39,90
2º (1º) Depois da Tempestade - Ricardo Amorim (Prata) - R\$ 49,90
3º (-) Tesouro Direto - Marcos Silvestre (Faro) - R\$ 34,90
4º (3º) Trópicos Utópicos - Eduardo Giannetti (Companhia das Letras) - R\$ 49,90
5º (-) A Economia, como Evoluiu e como Funciona - Mailson da Nóbrega e

Lista feita com amostra informada pelas livrarias Saraiva, Curitiba, Livraria da Folha, Martins Fontes, Livraria da Vila, Fnac e Argumento; os preços são referência do mercado e podem variar; semana entre 16 e 22 de outubro; entre parênteses, a posição na semana anterior

PRÁTICA E PESSOAS

- 1º (1º) Por Que Fazemos O Que Fazemos?** - Mario Sergio Cortella (Planeta) - R\$ 31,90
2º (-) Qual É a Tua Obra - Mario Sergio Cortella (Vozes) - R\$ 29,90
3º (-) Fator de Enriquecimento - Paulo Vieira (Gente) - R\$ 34,90
4º (3º) Fora da Curva - Pierre Moreau, Florian Bartunek e Giuliana Napolitano (Portfolio-Penguin) - R\$ 49,90
5º (4º) O Poder da Ação - Paulo Vieira



Combate à corrupção depende de mudança cultural

Para especialistas, empresas têm de reduzir incentivos involuntários para que crimes sejam cometidos

FILIPE OLIVEIRA
DE SÃO PAULO

O fortalecimento das regras de governança corporativa e dos mecanismos que garantam seu cumprimento são fundamentais para combater a corrupção em empresas, mas sozinho não são capazes de eliminá-la.

A solução também passa por mudanças culturais nas organizações, que precisam reduzir incentivos involuntários para que crimes sejam cometidos, em especial aqueles que atrelam metas de desempenho apenas a objetivos financeiros.

Essas foram ideias apresentadas durante o quinto encontro do ciclo de seminários Ilustríssima FGV, parceria da

Folha com a Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, realizada na quinta-feira (27).

O encontro discutiu o papel da governança corporativa no combate à corrupção e foi mediado pela jornalista Raquel Landim, repórter especial da Folha.

No seminário, Luciana Dias, professora da FGV Direito Rio, afirmou que coibir por completo a corrupção é praticamente impossível, mas a governança corporativa cria mecanismos para tornar a realização desses crimes mais difícil e oferece canais para denúncias.

Dias destacou que o surgimento da governança não foi motivado pela corrupção. A primeira finalidade dela é ga-

rantir a gestão eficiente dos negócios e oferecer informações transparentes para acionistas e demais “stakeholders” da empresa (como funcionários e credores).

Aproveitando-se da existência dessas práticas, a Lei Anticorrupção, de 2014, se apropriou desses mecanismos e passou a levar a sua adoção em conta na hora de definição de penas em casos de corrupção, explicou Dias.

Angela Donaggio, professora e pesquisadora da Faculdade de Direito da FGV-SP, destacou a importância do aprimoramento dos mecanismos que garantam o cumprimento das regras de governança, incluindo sanções a empresas flagradas em irregularidades.

A professora mostrou resultado de pesquisa sua com companhias listadas no Novo Mercado, segmento da BM&FBOvespa que exige o maior cumprimento de boas práticas de governança.

Donaggio apontou que, conforme o número de empresas listadas no segmento cresceu, o número de sanções aplicadas pela Bolsa caiu.

Segundo ela, são necessários mecanismos que diminuam o conflito de interesses da Bolsa, que é responsável, ao mesmo tempo, por captar novas empresas para o mercado e por fiscalizar suas atuações.

Alexandre di Miceli, consultor na área de governança corporativa, apontou os limites dessas práticas de contro-

le ao afirmar que todas as grandes empresas brasileiras flagradas em corrupção nos escândalos dos últimos dois anos seguiam, ao menos formalmente, as regras exigidas.

Segundo ele, culturas empresariais desajustadas levam profissionais a, paulatinamente, se tornar eticamente cegos. Entre as influências que, com o passar dos anos, levam funcionários ao crime, estão ordens de superiores, percepção de que colegas da empresa ou do setor fazem o mesmo ou existências de metas irreais, disse.

“Colocar dinheiro em programas de compliance [conformidade a regras e leis] é o mesmo que enxugar gelo se não houver mudança de mentalidade”, afirmou.

“Colocar dinheiro em programas de compliance [conformidade a regras e leis] é o mesmo que enxugar gelo se não houver mudança de mentalidade

ALEXANDRE DI MICELI
consultor na área de governança corporativa

Ter direitos, mas não ter formas de exigí-los, é como não ter. De que adianta mudar a regra se não ha ninguém para olhar se é aplicada?

LUCIANA DIAS
professora da FGV Direito Rio